



*Mulher,  
Liberdade  
e Vida*

Severina 150

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA



L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

# A Mulher e o Mal

*A professora Angélica Madeira revela neste artigo que até os dicionários abrigam o preconceito contra a mulher em suas páginas*

**Angélica Madeira**

Universidade de Brasília

**A**o abrirmos um dicionário de qualquer língua moderna encontramos um número significativo de expressões onde a palavra mulher é acompanhada de qualidades negativas.

Os significados dos vocábulos listados nos dicionários apontam para construções coletivas, valores que se cristalizaram ao longo do tempo, delineando molduras culturais amplas, que fornecerão padrões para a percepção do mundo e para as ações.

A língua em si, enquanto estrutura, só se move de acordo com suas próprias leis, porém a dinâmica dos seus significados evidencia, muitas vezes, discrepâncias entre os sentidos historicamente fixados e a força das transformações sociais.

Parece assim que o valor negativo atribuído à palavra mulher corresponde a uma construção muito mais antiga que a própria língua portuguesa, datando de tantos séculos quanto foram necessários para a afirmação dos valores patriarcais que constituíram o Ocidente e a Cristandade.

Alguns autores consideram o *Malleus Maleficarum* (1484), obra de dois inquisidores alemães Sprenger e Kramer, um marco, a culminação de um processo que visava associar a mulher com o mal, já então alegorizado na figura do diabo. Esta associação já vinha sendo preparada desde a antiga Idade Média, por Agostinho e mais tarde por Tomás de Aquino, através do aproveitamento e da reelaboração seletiva dos textos hebraicos e clássicos sobre a mulher. Toda uma literatura específica foi sendo formada e sistematicamente retomada pelos pregadores, mestres de consciência, teólogos e demonólogos até criar raízes no senso comum e ganhar existência na vida cotidiana.

A figura da Bruxa é o melhor exemplo de precipitação histórica desta construção mental. Já dizia Michélet, referindo-se ao contexto do continente europeu, que a Bruxa só pode ser pensada dentro de uma forte cultura eclesiástica, uma cultura que decompôs as mil nuances do diabo e da mulher em uma dicotomia maniqueísta e abrupta.

A caça às bruxas que durou, grosso modo, do século XIV ao XVIII, nos quatro cantos da Europa, nada mais é que o acirramento do medo e da insegurança gerada por tantas transformações, políticas, sociais, religiosas, sobrevindas com modernidade. O dogmatismo da religião cristã fez com que se desenvolvesse um alto grau de intolerância em relação às práticas rituais ditas heréticas ou heterodoxas. Hécuba, Diana, Isis, e outras deidades dos lares foram aprisionadas. A discriminação das mulheres, que

atingiu também o corpo e as práticas eróticas, domesticou-as, tornou-as dóceis. Esta operação repressiva gerou resultados.

Lembremo-nos somente dos serões monótonos narrados pelos romances do século XIX ou do tédio de Emma Bovary em sua pequena sala de jantar, para compreendermos as reduzidas opções reservadas ao ser do sexo feminino, após a puberdade. Ser esposa é o primeiro significado dicionarizado, onde o termo mulher é conotado positivamente (a esposa é a mulher menos sua sexualidade); ou, segunda opção, prostituta, onde age a associação ao prazer, à música, e mais tarde, ao pecado, ao mal e ao diabo. Preconceituosos ou saborosos, os qualificativos que se somam para desqualificar a mulher são expressivos: mulher à toa, mulher da comédia, da rôtula ou da zona, de ponta de rua, do fado do fandango, mulher do mundo, mulher da vida, do pala aberto, mulher fatal, termos que associam mulher e sexualidade. Messalina, cortesã, coque, vulgívaga, muruxaba, zafureira são alguns exemplos do alcance transcultural e da formação híbrida deste campo semântico. Mulher perdida, tolerada, transviada, mulher errada, mulher pública e vadia apontam já para o rebaixamento e para a ansiedade que subjaz à associação do erotismo com o mal. Há ainda muitos fios a serem puxados da trama língua para compreendermos a intrincada gramática dos códigos sociais nos quais existimos. Movendo do nível do léxico para a realidade sócio-cultural, pode-se ver, a olho nu, como língua e cultura se conectam.

Apesar da profunda transformação da mentalidade e dos costumes ocorridas nas últimas décadas, de responsabilidade sobretudo dos movimentos feministas, as idéias de longa duração vazam os séculos até serem completamente exumadas.

\* Angélica Madeira, doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII, é professora-adjunta do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Durante o ano de 1990 foi "research associate" na Universidade de Columbia, New York, no "Research Center for Language and Semiotic Studies", Universidade de Indiana, Bloomington. Escreveu e publicou vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura, música e cultura popular. Atualmente prepara um livro sobre a História Trágico-Marítima, uma coletânea de narrativas de naufrágios de barcos mercantes portugueses do século XVI. Endereço para correspondência: Colina, Bloco A, ap. 22 — Campus da UnB — Brasília DF.

*Escrava Romana-Quadro a óleo de Oscar Pereira da Silva (Séc. XIX, Pinacoteca de S. Paulo)*

